

1964/66

Se todo mundo sambasse seria
tão fácil viver

O cenário para o início do jogo era o Brasil do regime militar. Em 1^ª de abril de 1964, um golpe depôs o presidente João Goulart. No dia 9 do mesmo mês, um Ato Institucional cassou quarenta mandatos de parlamentares.

A censura começa a mostrar as garras ao proibir (e depois liberar) a exibição do filme *Deus e o Diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. No mesmo mês estreia no Rio a peça *Liberdade, liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel. Em São Paulo, o Teatro de Arena monta *Arena conta Zumbi*, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, com músicas de Edu Lobo. Em dezembro, o show *Opinião*, no Rio de Janeiro, colocava lado a lado Nara Leão – expoente da Bossa Nova – e os compositores populares Zé Kéti e João do Vale.

Em 1965, o Ato Institucional nº 2 dissolve os partidos políticos e estabelece o bipartidarismo, em que a Arena (Aliança Renovadora Nacional) apoia o regime, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) reúne a esquálida oposição. Ainda no mesmo ano é inaugurada a TV Globo, que se transformaria na maior rede de televisão do país.

Tem mais samba (1964)

Chico Buarque

Para o musical *Balanço de Orfeu*, de Luiz Vergueiro

Tem mais samba no encontro que na espera
Tem mais samba a maldade que a ferida
Tem mais samba no porto que na vela
Tem mais samba o perdão que a despedida
Tem mais samba nas mãos do que nos olhos
Tem mais samba no chão do que na lua
Tem mais samba no homem que trabalha
Tem mais samba no som que vem da rua
Tem mais samba no peito de quem chora
Tem mais samba no pranto de quem vê
Que o bom samba não tem lugar nem hora
O coração de fora
Samba sem querer

Vem que passa
Teu sofrer
Se todo mundo sambasse
Seria tão fácil viver

Chico considera essa canção o marco zero de sua carreira profissional. Foi uma encomenda feita pelo produtor Luiz Vergueiro para o show *Balanço de Orfeu*, que estreou em 7 de dezembro de 1964 no Teatro Maria Della Costa, em São Paulo.

Em depoimento para o jornalista e escritor Humberto Werneck, Luiz conta que a música funcionaria como uma espécie de moral da história para o confronto entre a Bossa Nova e a Jovem Guarda. A canção seria cantada no final do espetáculo, por todo o elenco, numa mais do que esperada vitória da Bossa Nova.

A primeira sugestão de Chico não satisfez o diretor, e a música só ficou pronta na véspera da estreia. Era “Tem mais samba” – que, além de marco inicial, indicaria “uma das constantes em seu trabalho: a criação por encomenda [aquela foi a primeira], contra o relógio, mas nunca em prejuízo da beleza e do prazer de criar”, segundo Werneck.

Juca (1965)

Chico Buarque

Juca foi autuado em flagrante
Como meliante
Pois sambava bem diante
Da janela de Maria
Bem no meio da alegria
A noite virou dia
O seu luar de prata
Virou chuva fria
A sua serenata
Não acordou Maria

Juca ficou desapontado
Declarou ao delegado
Não saber se amor é crime
Ou se samba é pecado
Em legítima defesa
Batucou assim na mesa
O delegado é bamba
Na delegacia
Mas nunca fez samba
Nunca viu Maria

Durante um dos “samba-fos”, o grupo fazia tanto barulho que os vizinhos chamaram a polícia. Enquanto os guardas tentavam encerrar a cantoria, Chico improvisou os versos que depois seriam incorporados à letra de Juca: “O delegado é bamba/ Na delegacia/ Mas nunca fez samba/ Nunca viu Maria”.

Lua cheia (1965)

Toquinho-Chico Buarque

Ninguém vai chegar do mar
Nem vai me levar daqui
Nem vai calar minha viola
Que desconsola, chora notas
Pra ninguém ouvir

Minha voz ficou na espreita, na espera
Quem dera abrir meu peito
Cantar feliz
Preparei para você uma lua cheia
E você não veio
E você não quis

Meu violão ficou tão triste, pudera
Quisera abrir janelas
Fazer serão
Mas você me navegou
Mares tão diversos
E eu fiquei sem versos
E eu fiquei em vão

O amigo e compositor Toquinho lembra como surgiu a primeira parceria dos dois e sua primeira canção gravada em disco:

Eu estava com uma das moças que faziam a coreografia, dançando no show Balanço de Orfeu. Chamava-se Vera, morena, alta, corpo benfeito. Por sua vez, Chico habituara-se a passar quase todas as noites no teatro, pelo gostinho de ouvir sua música, e às vezes esticava a noite com a gente. Num dos jantares na casa do diretor, na intimidade de uísques e outras fontes de inspiração, enquanto eu tocava uma música, Chico aproveitava o embalo e, brincando com a moça, inventava versos com rimas em “era”: “Linda noite que te espera, oh, Vera/ Quisera abrir janelas, fazer serão...” No dia seguinte, mais sóbrio, organizou melhor a poesia e se surpreendeu: “Mas a letra é boa mesmo! Podemos fazer uma música!”

O nome da musa não é pronunciado na canção, que inicialmente tinha o título de “Primavera”, mas ficava subentendido – para quem soubesse da história – pela ênfase dada às rimas em “era”.

Sonho de um carnaval (1965)

Chico Buarque

Carnaval, desengano
Deixei a dor em casa me esperando
E brinquei e gritei e fui vestido de rei
Quarta-feira sempre desce o pano

Carnaval, desengano
Essa morena me deixou sonhando
Mão na mão, pé no chão e hoje nem lembra não
Quarta-feira sempre desce o pano

Era uma canção, um só cordão
E uma vontade
De tomar a mão
De cada irmão pela cidade

No carnaval, esperança
Que gente longe viva na lembrança
Que gente triste possa entrar na dança
Que gente grande saiba ser criança

A voz de Chico só chegaria às lojas de discos em 5 de maio de 1965, quando a RGE lançou o compacto com as canções “Pedro pedreiro” e “Sonho de um carnaval”. A composição é, segundo o próprio Chico, o início de uma transição para marcar seu próprio espaço, já que tudo o que vinha fazendo até então tinha as digitais da Bossa Nova ou das músicas que costumava ouvir no rádio e nos encontros de seus pais com amigos. No seu depoimento ao MIS ele afirma:

A mudança começou com “Sonho de um carnaval”, embora haja ainda umas duas ou três músicas anteriores a isso que eu ainda

considero [...]. Em seguida veio “Pedro pedreiro”, que acho que já é uma nova fase, porque eu já me preocupava e sentia que era uma coisa mais minha.

A televisão no Brasil estava prestes a completar quinze anos, e havia no país 2,3 milhões de aparelhos. As emissoras tiveram sensibilidade para captar o movimento que acontecia entre os jovens e incorporá-lo à sua grade. A maior parte da programação era ao vivo e repleta de programas musicais.

Embora participasse dos shows promovidos pelo radialista Walter Silva, Chico não pensava em se profissionalizar. Mesmo assim ele inscreveu “Sonho de um carnaval” no I Festival Nacional da Música Popular Brasileira da TV Excelsior. Para defendê-la na primeira eliminatória, realizada no Cassino do Guarujá em 27 de março de 1965, a organização escalou um cantor profissional, já familiar nas rodas do João Sebastião Bar, mas que Chico conhecia vagamente.

Era o paraibano Geraldo Vandrê, que conseguiu levar a música para a final que se realizaria no auditório da TV Excelsior no Rio de Janeiro, em 6 de abril de 1965. Vandrê se queixava ao arranjador, o maestro Erlon Chaves, de que o tom era muito baixo para sua voz, e quase não se ouvia a letra.

“Sonho de um carnaval” não ficou entre as cinco primeiras, e o festival foi vencido por “Arrastão”, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, cantada por Elis Regina. Mesmo não tendo grandes pretensões, Chico sentia-se um vitorioso por haver chegado tão longe. Mas não foi nada agradável passar pelo saguão do teatro e ouvir João de Barro, o Braguinha – autor de tantos sucessos, entre os quais a imortal letra para “Carinhoso”, de Pixinguinha –, dizer que a música era uma porcaria.

Mas houve quem gostasse. E alguém de grosso calibre, como o compositor e violonista Baden Powell, que ficara em segundo lugar com a “Valsa do amor que não vem”, em parceria com Vinicius de Moraes. Baden não escondia sua preferência pela canção, e seu apoio rendeu dividendos, como Chico deixou registrado no seu depoimento ao MIS:

O Baden Powell foi um sujeito entusiasmadíssimo [...] Ele torcia por “Sonho de um carnaval”, e falava a toda hora na música. E porque ele falava, todo mundo começou a dar bola, e resolveram gravar a

música. Foi a primeira vez que me entrosei no meio. Tive um reconhecimento – não popular ainda, mas do meio [...].

De fato, o próprio Vandrê a incluiu no seu álbum *Hora de lutar* (1965), e, um ano depois, o conjunto vocal MPB-4 a gravaria em seu disco de 1966.

Pedro pedreiro (1965)

Chico Buarque

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando
Assim pensando, o tempo passa
E a gente vai ficando pra trás
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento
Desde o ano passado
Para o mês que vem

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro espera o carnaval
E a sorte grande no bilhete pela federal
Todo mês
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento
Para o mês que vem
Esperando a festa
Esperando a sorte

E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro está esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro Norte
Pedro não sabe, mas talvez no fundo
Espera alguma coisa mais linda que o mundo
Maior do que o mar
Mas pra que sonhar
Se dá o desespero de esperar demais
Pedro pedreiro quer voltar atrás
Quer ser pedreiro pobre e nada mais
Sem ficar esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento para o mês que vem
Esperando um filho pra esperar também
Esperando a festa
Esperando a sorte
Esperando a morte
Esperando o norte
Esperando o dia de esperar ninguém
Esperando enfim nada mais além
Da esperança aflita, bendita, infinita
Do apito do trem

Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando o trem
Que já vem, que já vem, que já vem (etc.)

Entretanto, o sucesso do compacto se deveria a “Pedro pedreiro”.
Quando a compôs, Chico sabia que estava fazendo algo diferente.

Quando fiz “Pedro pedreiro”, tive a sensação de que pela primeira vez estava compondo uma música realmente minha, que já não era mais imitação de Bossa Nova. Daí em diante, as coisas começaram a acontecer,

disse ele a Almir Chediak, organizador do *Songbook Chico Buarque*.

Em 1985, numa entrevista à Rádio do Centro Cultural São Paulo, ele admite que, embora tenha havido uma mudança, a canção

ainda era resquício do movimento que havia da chamada resistência, que foi logo depois de 64, quando veio aquela onda toda do Opinião, da oposição que se fazia dentro dos teatros, na música popular – já que noutros campos a oposição foi abortada, calada, e então se transferiu das fábricas, da praça pública e do Congresso para as artes: o teatro, o cinema e a música.

Numa das raras vezes em que Sérgio Buarque de Holanda falou sobre o filho, em depoimento de 1968 para o primeiro número da revista *Pais & Filhos*, ele identificou na letra uma influência do autor de *Grande sertão: veredas*: “Quando fez ‘Pedro pedreiro’, inventou uma palavra: ‘penseiro’. Talvez inspirado em Guimarães Rosa, que também era dado a inventar palavras”. Anos depois, no DVD *Uma palavra*, o próprio Chico admitiria:

Teve uma época que eu só lia Guimarães Rosa. Eu queria ser Guimarães Rosa. [...] Quando gravei minha primeira música – hoje eu me envergonho um pouquinho disso, porque é difícil você querer ser Guimarães Rosa –, inventei esse “penseiro”, é claro que pra fazer uma rima, uma aliteração [...] mas era aquela coisa de achar que pareceria Guimarães Rosa. Parece nada.

No livro *Chico Buarque – Cidade submersa*, de Regina Zappa e Bruno Veiga, Chico faria uma nova revelação acerca da canção que o colocou no cenário musical:

Tem uma coisa sobre “Pedro pedreiro” que nunca me lembrei de dizer: não tem nada a ver com samba antigo, era pós Bossa Nova,

mas tem a ver com uma coisa que me impressionou muito naquele tempo – o violão percussivo do Jorge Ben. Não sabia fazer o violão dele, mas fiquei muito impressionado com aquilo.

Impressionadas também ficavam as pessoas que ouviam a canção: ninguém menos que Tom Jobim, ao ouvi-la em 1966, no dia em que se conheceram, e a poetisa e dramaturga Renata Palottini, que escreveu uma peça baseada na história do pedreiro, para a qual Chico fez as músicas.

Mas havia quem não se impressionasse. Num veículo no qual se pode sentir a cada segundo que tempo é de fato dinheiro, incomodava a duração de uma música com sessenta versos, em que a palavra “esperando” aparece nada menos que 36 vezes. Um dos produtores do programa do Chacrinha disse a Chico, sem meias palavras: “Não dá pra esse trem chegar mais cedo, não?”. Naquele dia, nem o trem nem “Pedro pedreiro” chegariam ao palco da TV Excelsior. Indignado com a proposta de mutilação da cria que ainda estava lambendo, o autor simplesmente pegou seu violão, deu meia-volta e foi-se embora.

O radialista Walter Silva lembra as condições em que foi gravado o disco de estreia:

A RGE cedeu, após insistentes pedidos, o Estúdio B para a gravação [...] Uma sala diminuta, onde havia uma mesinha para locutor, uma cadeira e um microfone [...] não dava mais de 4 metros quadrados. Com o pé sobre a cadeira e tocando violão, assim foi feita a primeira gravação de Chico Buarque.

A gravadora autorizou a prensagem de apenas quinhentas cópias do compacto, mas em pouco tempo viu-se obrigada a fazer novas tiragens, já que “Pedro pedreiro” entrara para as paradas de sucesso.

O compacto rendeu um contrato para Chico aparecer nos programas da TV Record. Não era muito, mas dava para pagar a prestação de um fusca usado, seu primeiro carro, e abandonar a faculdade de arquitetura, para desgosto de dona Maria Amélia, que, cautelosa, trancou a matrícula do filho, na esperança de que um dia ele mudasse de idéia.

Mais do que o carro ou o *dolce far niente*, “Pedro Pedreiro” rendeu

um convite de Roberto Freire para que Chico musicasse *Morte e vida severina*, auto de Natal escrito pelo poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto em 1955, que descreve as vicissitudes de um retirante que abandona o sertão em busca de uma vida melhor.

Inicialmente Chico recusou o convite, por não se sentir preparado para tamanha empreitada. Ele ainda era o estudante da FAU, e música, um apêndice na sua vida. Diante da insistência, capitulou e, com 21 anos incompletos, resolveu aceitar a encomenda.

Chico reconhece que a experiência foi fundamental ao obrigá-lo, logo no início da carreira, à disciplina e à organização que um trabalho de equipe exige, e para mostrar-lhe que música e letra devem se amalgamar para resultar numa peça única. Só não participou da escolha e discussão do texto, etapas já cumpridas quando ele se integrou ao grupo. No mais, tudo era objeto de muita discussão. Pôs-se a ler e reler toda a obra de João Cabral; pesquisou a música regional do Nordeste; com frequência fazia consultas a especialistas, e em casa, sozinho, ia fazendo as canções. Há quem afirme que obrigava as irmãs a cantar os diversos coros em duas vozes. No início inseguro, não levava as canções pessoalmente. Mandava-as em fita. O trabalho foi evoluindo, e ele, perdendo o medo.

A peça, com direção de Silnei Siqueira, estreou em 11 de setembro de 1965 inaugurando o Tuca (Teatro da Universidade Católica de São Paulo). Chico postou-se no fundo do teatro – hábito que conservaria através dos tempos – e surpreendeu-se com a aceitação do público e, depois, da crítica, que chegou a afirmar que ele “não musicou o poema, mas sim extraiu dele a musicalidade”. Surpresa maior viria em abril do ano seguinte, quando a peça ganhou o primeiro prêmio no IV Festival Internacional de Teatro Universitário de Nancy – França. No final do espetáculo, a plateia explodiu numa ovação de mais de dez minutos. E desta vez ele estava no palco, com seu violão, tocando suas músicas.

Chico Buarque não faz chover, mas pelo menos um milagre pode ser a ele atribuído: o de ter convencido João Cabral de Melo Neto de que música e barulho não são a mesma coisa. O poeta era contra a encenação, que, soube-se mais tarde, foi feita à sua revelia. Porém, ao ver a montagem, ficou tão encantado que seguiu com o grupo para Portugal.

Numa das conversas com Chico, o autor do poema chegou a indicar

sua preferida: “Funeral de um lavrador”, por coincidência uma das que Chico menos gosta e que mais sucesso fez, ganhando gravações de Nara Leão e Odete Lara. Como musicar um poema não é tarefa simples, por haver versos praticamente “imusicáveis”, alguns tiveram que ser cortados. Um deles tinha a expressão “cada casebre se torna/ no mocambo modelar/ que tanto celebram/ os sociólogos do lugar”. O poeta quis saber do compositor se a intenção havia sido a de poupar alguém. Esse alguém seria o sociólogo Gilberto Freyre. Mas era tão somente uma questão de métrica mesmo.

Embalada pelo sucesso obtido em Nancy, a Philips lançou em 1966 o LP *Morte e vida severina*, gravado ao vivo no Tuca.

O jogo havia começado.

Em fevereiro de 1966, o general Castello Branco torna indiretas as eleições para governadores, que ocorreriam naquele ano, gerando protestos em várias capitais. A censura proíbe o romance *O casamento*, de Nelson Rodrigues.

Para Chico, entretanto, o ano prometia. Logo no início, teve gravadas três de suas canções (“Olê, olá”, “Pedro pedreiro” e “Madalena foi pro mar”) no LP *Nara pede passagem*. Era um atestado de qualidade ser interpretado por Nara Leão, reconhecida descobridora de talentos, não apenas novos, como Chico, Sidney Miller e Edu Lobo, mas também de esquecidos compositores como Cartola, Nelson Cavaquinho, João do Valle, entre outros.

Logo Chico gravaria o seu segundo compacto, com “Olê, olá” e “Meu refrão”.

Olê, olá (1965)

Chico Buarque

Não chore ainda não
Que eu tenho um violão
E nós vamos cantar
Felicidade aqui
Pode passar e ouvir
E se ela for de samba
Há de querer ficar

Seu padre, toca o sino
Que é pra todo mundo saber
Que a noite é criança
Que o samba é menino
Que a dor é tão velha
Que pode morrer
Olê olê olê olá
Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado
Não vale chorar

Não chore ainda não
Que eu tenho uma razão
Pra você não chorar
Amiga, me perdoa
Se eu insisto à toa
Mas a vida é boa
Para quem cantar

Meu pinho, toca forte
Que é pra todo mundo acordar
Não fale da vida
Nem fale da morte
Tem dó da menina

Não deixa chorar
Olê olê olê olá
Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado
Não vale chorar

Não chore ainda não
Que eu tenho a impressão
Que o samba vem aí
E um samba tão imenso
Que eu às vezes penso
Que o próprio tempo
Vai parar pra ouvir

Luar, espere um pouco
Que é pro meu samba poder chegar
Eu sei que o violão
Está fraco, está rouco
Mas a minha voz
Não cansou de chamar
Olê olê olê olá
Tem samba de sobra
Ninguém quer sambar
Não há mais quem cante
Nem há mais lugar
O sol chegou antes
Do samba chegar
Quem passa nem liga
Já vai trabalhar
E você, minha amiga
Já pode chorar

Criada logo após “Pedro pedreiro”, Chico diz que essa canção é uma espécie de filha crescida da primeira.

Acho que ela trazia uma coisa além de “Pedro pedreiro”. Eu lembro que fiquei uns três, quatro meses sem mostrar para ninguém. Um dia, na casa do Roberto Freire, toquei e gostaram. Depois disso, comecei a ter certeza.

E, de fato, havia nela alguma coisa nova. Almir Chediak lembra-se das dificuldades que experimentou para tirar a harmonia: “Me deu um trabalho danado. Há nela uma sequência harmônica diferente de tudo, uma coisa muito original”.

Caetano Veloso conheceu Chico cantando “Olê, olá” num dos shows do Teatro Paramount, em 1965. Encantado com a melodia e a facilidade com que o compositor trabalhava a letra, copiou-a num pedaço de papel e anexou-a a uma carta encaminhada a Dedé, sua namorada, dizendo: “Conheci um cara que é a coisa mais linda”. A amizade atravessaria décadas, não sem pequenos arranhões.

Deve-se a “Olê, olá” o estilo inconfundível do atual programa *Ensaio*, da TV Cultura de São Paulo. Convidado por Fernando Faro, não havia meio de fazer o cantor olhar para a frente, o que obrigou o diretor a colocar uma câmera no chão a fim de mostrar o rosto e os olhos cada vez mais famosos.

Meu refrão (1965)

Chico Buarque

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão

Já chorei sentido
De desilusão
Hoje estou crescido
Já não choro não
Já brinquei de bola

Já soltei balão
Mas tive que fugir da escola
Pra aprender essa lição

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão

O refrão que eu faço
É pra você saber
Que eu não vou dar braço
Pra ninguém torcer
Deixa de feitiço
Que eu não mudo não
Pois eu sou sem compromisso
Sem relógio e sem patrão

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão

Eu nasci sem sorte
Moro num barraco
Mas meu santo é forte
E o samba é meu fraco
No meu samba eu digo
O que é de coração
Mas quem canta comigo
Canta o meu refrão

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão

Em 1966 ele tinha composições suficientes para um show. “Meu refrão” deu nome ao espetáculo idealizado por Hugo Carvana e Antonio Carlos Fontoura, que estreou no final de agosto de 1966 na boate Arpège, Rio de Janeiro, com dezesseis canções interpretadas pelo autor, por Odete Lara e pelo MPB-4. Um personagem – não convidado – apareceu pela primeira vez na vida de Chico: a censura.

Tamandaré (1965)

Chico Buarque

Zé qualquer tava sem samba, sem dinheiro
Sem Maria sequer
Sem qualquer paradeiro
Quando encontrou um samba
Inútil e derradeiro
Numa inútil e derradeira
Velha nota de um cruzeiro

“Seu” Marquês, “seu” Almirante
Do semblante meio contrariado
Que fazes parado
No meio dessa nota de um cruzeiro rasgado
“Seu” Marquês, “seu” Almirante
Sei que antigamente era bem diferente
Desculpe a liberdade
E o samba sem maldade
Deste Zé qualquer
Perdão, Marquês de Tamandaré
Perdão, Marquês de Tamandaré

Pois é, Tamandaré
A maré não tá boa
Vai virar a canoa
E este mar não dá pé, Tamandaré
Cadê as batalhas?
Cadê as medalhas?
Cadê a nobreza?

Cadê a marquesa, cadê?
Não diga que o vento levou
Teu amor até

Pois é, Tamandaré
A maré não tá boa
Vai virar a canoa
E este mar não dá pé, Tamandaré
Meu marquês de papel
Cadê teu troféu?
Cadê teu valor?
Meu caro almirante
O tempo inconstante roubou

Zé qualquer tornou-se amigo do marquês
Solidário na dor
Que eu contei a vocês
Menos que queira ou mais que faça
É o fim do samba, é o fim da raça
Zé qualquer tá caducando
Desvalorizando
Como o tempo passa, passando
Virando fumaça, virando
Caindo em desgraça, caindo
Sumindo, saindo da praça
Passando, sumindo
Saindo da praça

Uma das canções do show era “Tamandaré” em que Chico, comentando a desvalorização da moeda, brincava com a figura do almirante Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré, estampada nas notas de 1 cruzeiro. A Marinha brasileira entendeu que havia na letra desrespeito à figura de seu patrono, e a música foi proibida. Já naquela época ele não levava desaforo pra casa. O psicanalista Roberto Freire conta que o compositor reagiu com bom humor à proibição, inserindo estes versos na melodia de “Meu refrão” durante algumas apresentações:

Você me procura
Pede explicação
Depois me censura
O que é de coração
Mesmo assim não brigo
Não me importo não
Pois quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É o meu violão

A canção permaneceu proibida por muito tempo, e só foi gravada em 1991, pelo Quarteto em Cy, no CD *Chico em Cy*.

Noite dos mascarados (1966)

Chico Buarque

Para o musical *Meu refrão*

Quem é você?
Adivinhe, se gosta de mim
Hoje os dois mascarados
Procuram os seus namorados
Perguntando assim:
Quem é você? diga logo
Que eu quero saber o seu jogo
Que eu quero morrer no seu bloco
Que eu quero me arder no seu fogo
Eu sou seresteiro
Poeta e cantor
O meu tempo inteiro
Só zombo do amor
Eu tenho um pandeiro
Só quero um violão
Eu nado em dinheiro
Não tenho um tostão
Fui porta-estandarte
Não sei mais dançar

Eu, modéstia à parte
Nasci pra sambar
Eu sou tão menina
Meu tempo passou
Eu sou Colombina
Eu sou Pierrot

Mas é carnaval
Não me diga mais quem é você
Amanhã, tudo volta ao normal
Deixe a festa acabar
Deixe o barco correr
Deixe o dia raiar
Que hoje eu sou
Da maneira que você me quer
O que você pedir
Eu lhe dou
Seja você quem for
Seja o que Deus quiser
Seja você quem for
Seja o que Deus quiser

Era necessária uma nova música para substituir a proibida. Foi assim que nasceu “Noite dos mascarados”. Em poucos dias Chico compôs a canção. Vinicius de Moraes organizava a trilha sonora do filme *Garota de Ipanema* (1967), de Leon Hirschman, e sugeriu sua inclusão em dueto com Elis Regina. O feito resultou num dos pouquíssimos trabalhos conjuntos dos dois grandes nomes.

“Noite dos mascarados” também marcou a estreia de Chico no cinema, interpretando a si mesmo ao lado de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Nara Leão e Ronnie Von. Desde essa primeira experiência, Chico não gostou de se ver em cena, por se considerar um péssimo ator. Não obstante, ele iria reincidir algumas vezes.